

## ARTIGO

# PARA UMA EDUCAÇÃO FILOSÓFICA: A PEDAGOGIA DA PERGUNTA DE PAULO FREIRE E ANTONIO FAUNDEZ

Maria Mágila Farias Carneiro

---

Licenciada em Filosofia pela UVA  
[magila\\_farias@hotmail.com](mailto:magila_farias@hotmail.com)

**Resumo:** Esse artigo versa sobre a *pedagogia da pergunta* proposta por Paulo Freire em seu livro-diálogo com Antonio Faundez. Através da exposição das ideias centrais do livro *Por uma Pedagogia da Pergunta* visamos apresentar uma nova maneira de ensino, que se utiliza dos fundamentos filosóficos para promover um ensino mediado pelo diálogo. Almeja-se aqui uma educação conscientizadora, onde educador e educando busquem juntos o conhecimento, gerando uma educação para a libertação.

**Palavras-chave:** Diálogo. Pergunta. Libertação. Filosofia.

## INTRODUÇÃO: PAULO FREIRE FILÓSOFO?

Paulo Régis Neves Freire, educador brasileiro, nasceu no dia 19 de setembro de 1921, no Recife, Pernambuco. Por seu empenho em ensinar os mais pobres, Paulo Freire tornou-se uma inspiração para gerações de professores, especialmente na América Latina e na África. Pelo mesmo motivo, sofreu a perseguição do regime militar no Brasil (1964-1985), sendo preso e forçado ao exílio.

Seu pensamento sofreu influências de várias correntes filosóficas e se pauta na busca da independência crítica do homem, ou seja, sua libertação. Nesse sentido, a justificativa de um trabalho de conclusão no Curso de Filosofia sobre Paulo Freire se dá pelo fato de que o mesmo apresenta uma síntese inovadora das mais importantes correntes do pensamento filosófico de sua época, como o existencialismo cristão, a fenomenologia, a dialética hegeliana e o materialismo histórico, tendo seu pensamento bebido nas mais autênticas filosofias que tiveram o homem como centro.

Possuidor de uma ótima base filosófica, era leitor de Hegel e Marx, além de possuir um vasto conhecimento acerca da história da filosofia, assim como seus sistemas e conceitos. Essa visão foi aliada ao talento como escritor que o ajudou a conquistar um amplo público de pedagogos, cientistas sociais, teólogos e militantes políticos. Pode-se citar como suas principais obras: *Pedagogia do oprimido* (1970); *Educação como a prática da liberdade* (1967) e *Pedagogia da autonomia* (1996).

Esse artigo objetiva abordar a proposta levantada no livro *Por uma Pedagogia da Pergunta*, publicado em 1985, que é um diálogo entre Paulo Freire e o filósofo chileno Antonio Faundez, em que os mesmos irão relatar suas experiências vividas em seus países de origem, onde confrontam pontos de vista políticos e pedagógicos, além de questionar o papel do intelectual na sociedade, recolocando a importância da relação dialética entre teoria e prática. Logo no início do livro, os autores propõem comentar experiências comuns a ambos, assim como experiências individuais de cada um, motivo pelo qual Freire sugere que o diálogo seja uma combinação das duas hipóteses (as que são comuns para ambos e as que não são), pois assim poderão criar um espaço de liberdade para cada um (cf. FREIRE; FAUNDEZ, 1985, p. 6).

Faundez inicialmente fala de suas experiências como estudante de filosofia, relatando que sua geração pretendia uma sociedade diferente, mais justa e mais solidária, acreditando que a filosofia seria o meio pelo qual poderiam analisar a vida e a política no mundo concreto. Através do estudo de Hegel, usando de sua dialética, tendo a concepção do homem como ser de liberdade e consciência, e de Marx, Faundez vê a sociedade capitalista como influência na desigualdade em relação à exploração do homem pelo homem, longe de fornecer uma educação que seja voltada para a formação humana.

Outro filósofo de suma importância para Faundez fora Sartre com sua ideia do imaginário social, na qual a dimensão ontológica se pergunta por que o homem projeta imagens de sua realidade e como ele as produz. Com essa análise, teremos acesso à vida imaginária, à irrealidade, composta por elementos como desejos, ritos, sonhos, apropriando-se de certos conceitos como direito, homem, justiça, liberdade, a fim de obter uma capacidade crítica de analisar a realidade e não somente debater-se no ensino dos sistemas. Acreditava que estudar filosofia é um caminho no qual podemos *resolver problemas* e não apenas aprender sistemas. O que vem de encontro a proposta de Marx, quando afirma nas *Teses Ad Feuerbach*: “Os filósofos limitaram-se a interpretar o mundo de modos diferentes; o que importa, porém, é transformá-lo” (MARX, 1974, p. 11).

No decorrer do diálogo, Freire apresenta sua ideia de uma pedagogia da pergunta como uma nova maneira de educar. Nesse sentido, Freire se apresenta como um revolucionário da educação, por buscar sempre formas inovadoras que possam

contribuir com uma educação para a liberdade, o que remete a Kant, quando falava da importância da decisão pela liberdade para que se possa atingir a maioridade da razão, dizendo:

Esclarecimento é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem, a direção de outrem. *Sapere aude!* Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento. (KANT, 1985, p. 100)

Nessa proposta de Freire, a cotidianidade surge como forma eficiente de aprendizado permanente, pois no momento que se deixa o nosso contexto de origem, para passarmos a conhecer o outro, toda a nossa experiência na cotidianidade será mais dramatizada, por ser convívio com as diversidades do outro, uma vez que, os desafios serão multiplicados, havendo sempre respeito quanto a realidade dos objetos e dos gestos do outro, pois onde há diferenças, também inicia-se aprendizagem. No entanto, isso requer tolerância do outro, ou seja, é a partir de tais diferenças que devemos aprender a tolerar o outro.

O que nos reporta ao princípio de *alteridade*, o constituir-se como o outro do outro, um conceito mais restrito do que diversidade e mais extenso do que diferença: trata-se do respeitar ao outro. Ligado a esses conceitos de diferença e tolerância Faundez agrega o conceito de *Kultur* (cultura) que fornece uma dificuldade adicional e um desafio constante às tradições, por ser uma cultura de povos e países, mas também da cultura de grupos ligados pelas raízes mais diversas, desde a religião, passando pela nacionalidade, até a etnia, sendo que todos esses conceitos são manifestações humanas que inclui a cotidianidade, pois acredita que nela está a descoberta do diferente, que é essencial.

Nesse intuito, a apresentação do elemento da pergunta é de suma importância para que tal proposta seja realizada, posto que é um princípio educativo que dará suporte para que tenhamos uma educação voltada para a libertação.

## A PERGUNTA COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO

Para adentrarmos a proposta de Freire de uma pedagogia da pergunta, que implica em uma educação para liberdade, devemos relatar alguns pontos que são condições para que ocorra tal proposta, como o conceito de *cotidianeidade do outro*, que surge na proposta freireana como uma forma de aprendizado. Segundo Freire, a partir do momento em que posso conhecer o outro, minha própria experiência será problematizada, mas para isso o autor irá considerar a análise da realidade desse outro, ou seja, o assimilar os objetos reais que constituem a vida do homem, uma necessária prática.

Primeiramente, contextualizemos essa proposta pondo-a em contraposição ao que ele denomina de *educação bancária*: uma educação em que o professor é o detentor do saber e o aluno uma tábula vazia, sendo que o educador irá depositar conhecimentos em seus educandos, meros depósitos. O problema levantado por Freire é que tal forma de ensinar tira do aluno a possibilidade de estimulá-lo a pensar, a refletir. Inibe o aluno de interagir, pois na educação bancária o educando não tem a oportunidade de participar na busca do conhecimento.

Desse modo, Freire entende por *educação bancária* um tipo de educação que não proporciona aos participantes da esfera educacional a realização da educação enquanto tal, qual seja, a liberdade de pensamento:

Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção bancária da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guarda-los e arquivá-los. Margem para serem colecionadores ou fixadores das coisas que arquivam. No fundo, porém, os grandes arquivados são os homens, nesta [...] equivocada concepção “bancária” da educação. Arquivados, porém, fora da busca, fora da práxis não podem ser. Na visão “bancária” da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que se julguem nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro (FREIRE, 1975, p. 67)

Segundo Freire, esse tipo de educação bancária desumaniza o homem, não o faz *ser mais*, por ser um tipo domesticado, e, por outro lado, sua pedagogia sugere o desenvolvimento de uma educação libertadora. Para tal, utiliza-se de concepções filosóficas, antropológicas e cosmológicas, almejando uma educação que caminhe para

Revista Eros	Ano 1	n. 1	Outubro-Dezembro 2013	p. 74-85
--------------	-------	------	-----------------------	----------

libertação, podendo ser também conscientizadora. Propõe, assim, uma relação dialógica, que será um instrumento que possibilitará tal libertação.

Sua proposta parte de três situações: 1) a da conscientização, 2) a da necessidade do diálogo e 3) a da libertação. Freire apresenta um ideal filosófico a ser seguido, o diálogo, que irá dar um suporte fundamental para a libertação e também possibilitará uma consciência clara e objetiva, ou seja, pessoas com uma maior compreensão. Essa educação libertadora será uma educação problematizada, não trará certezas ou verdades acabadas, irá levantar problemas e provocar conflitos que sejam transformadores. O diálogo é um instrumento que fará com que se possa descobrir essa educação problematizadora e trará a possibilidade de criação de conteúdos para a educação, uma vez que não representa algo pronto, mas sim algo produzido em grupo, em conjunto com o educador e o educando.

Dessa forma, a pretensão freireana com sua proposta de uma pedagogia da pergunta será despertar a educação para determinados elementos essenciais, que parecem estar esquecidos por parte dos educadores ou mesmos pelo sistema educacional em geral.

Segundo o educador, a educação está vivenciando um ensino no qual não há uma interação entre educador e educando, ou seja, vive-se uma educação bancária, na qual o professor é o único detentor da verdade, ou do conhecimento. O professor seria aquele que possui o conhecimento necessário, causando uma divisão entre os que sabem e os que não sabem. A educação problematizadora dessa relação dialógica se utiliza da dialética como sendo um método para o diálogo, podendo assim haver contraposição e também contradição de ideias, que possa levar a novas ideias, entre educador e educando, podendo aprender juntos, gerando uma construção do saber, no qual educador e educando em parceria, se educam.

Faundez revela que os intelectuais estão acostumados a trabalhar com *ideia-modelo*, o que nos remete a relação essência e aparência, podendo assim ver que a aparência será algo ligado ao sensível, enquanto a essência expressaria a realidade enquanto tal. Nessa perspectiva, os autores defendem que o mundo em que vivemos é realmente apreendido pelo homem a partir das aparências, mas que isso não justifica deixar de lado a essência. Uma vez apreendidas as aparências, poderemos usá-las como suporte as *ideias-modelo*, ou seja, a essência, e assim conhecer a realidade procurando

melhorar nossa capacidade cognitiva. A contribuição da aparência *para* ideias-modelo é relativa, pois ao buscar compreender o mundoa ideia de essência precede as aparências.

Faundez argumenta que tais ideias podem ser aplicadas como modelos, mas como compreensões criativas da realidade, não correndo o risco de serem consideradas a própria realidade. Com esses ideais percebe-se que a sua proposta é a de que o concreto possa se adequar às ideias.

Penso que o intelectual tem de percorrer o caminho inverso: partir da realidade da ação cotidiana, do povo e de nós mesmos, pois nós estamos inversos numa cotidianidade, refletir sobre essa ação cotidiana e, então, ir criando ideias para compreendê-las. E essas ideias já não serão mais ideias – modelo, serão ideias que irão se fazendo com a realidade (FREIRE; FAUNDEZ, 1985, p. 21).

Faundez pensa que o intelectual deve partir primeiramente da nossa realidade, ou seja, a realidade do povo, para que possa refletir sobre ela e compreendê-la. Isso contribuirá para que se possa desprender das *ideias-modelo*, e dar espaço para ideias que serão construídas com a realidade, e assim acredita eliminar todo o absolutismo pelos modelos conceituais. Tal ideia é atribuída ao método de Freire que jamais será um modelo, pois o método freireano é um conjunto de princípios que tem de ser sempre recriados, e por isso causa uma preocupação aos intelectuais e a realidade por eles recriada.

Segundo Freire, a verdade deve ser buscada através do diálogo em que o professor aprende ao ensinar, uma vez que o mesmo revê seu conhecimento na busca de ensinar aos estudantes, podendo haver uma interação dialógica entre professor e aluno, pois quantas mais dúvidas, inquietações e curiosidades por parte dos educandos forem suscitadas, mais o educador será desafiado, e assim vai procurar enriquecer seu aprendizado cada vez mais. Nesse sentido,

a curiosidade do estudante as vezes pode abalar a certeza do professor. Por isso é que ao limitar a curiosidade do aluno, a sua expressividade, o professor autoritário limita a sua também. Muitas vezes, por outro lado, a pergunta que o aluno, livre para fazê-la, faz sobre um tema, pode colocar ao professor um ângulo diferente, do qual lhe será possível aprofundar mais tarde uma reflexão mais crítica. (FREIRE; FAUNDEZ, 1985, p. 23)

Dessa forma, quando o professor se sente abalado pelas curiosidades de seus alunos, quanto à sua certeza, deve buscar meios que possam sustentar suas afirmações, e assim aprofundar-se. Uma vez que as curiosidades dos estudantes sejam limitadas, limitará também um maior aprendizado do professor, pois se o que o professor afirma

Revista Eros	Ano 1	n. 1	Outubro-Dezembro 2013	p. 74-85
--------------	-------	------	-----------------------	----------

não for indagado, não existirá dúvidas e, sendo questionado haverá uma chance maior para que se tenha uma amplitude de pesquisa, uma procura de aprimoramentos.

Eis a importância da pergunta, o que faz com que a ligação de Freire com a filosofia seja inegável, uma vez que a filosofia nasce da pergunta (*o que é isso?*).<sup>1</sup> Através dela, o diálogo é possível. Essa proposta causa no professor uma nova visão, desafiando-o a ter uma postura ainda mais crítica além de forçá-lo a buscar um maior conhecimento sobre determinados assuntos que venha expor.

Freire e Faundez defendem a ideia de que se deve aprender a perguntar. O ato da pergunta está esquecido pelos educadores e educandos, já que todo conhecimento começa pela pergunta, algo que Freire chamará de curiosidade, Faundez resumirá como a causa da pergunta, logo como a própria pergunta.

Segundo os autores os educadores de modo geral já trazem prontas as respostas e os alunos estão totalmente acostumados a essa maneira de ensinar. A proposta é de que antes de tudo, o professor deveria ensinar a perguntar, pois é por via das perguntas que se pode sair em busca de respostas, o professor não deve dar respostas absolutas, pois não deixa que haja uma curiosidade nos ouvintes ou mesmo elementos por descobrir. Infelizmente o ensino atual é esse que já traz tudo pronto, e todo esse sistema de respostas prontas, vai inibindo a capacidade de perguntar.

Freire diz que o educador autoritário tem mais medo da resposta do que da pergunta, ou seja, tem receio pela resposta que deverá dar:

um educador que não castra a curiosidade do educando, que se insere no movimento interno do ato de conhecer, jamais desrespeita pergunta alguma. Porque, mesmo quando a pergunta para ele, possa parecer ingênua, mal formulada, nem sempre é para quem a fez. Em tal caso, o papel do educador, longe de ser o de ironizar o educando, é ajudá-lo a refazer, fazendo melhor a pergunta (FREIRE, FAUNDEZ, 1985, p. 25).

Desse modo, podemos notar que o professor não deve impedir o aluno dese expressar, de dar-lhe oportunidade para um conhecimento maior. Defende que um educador jamais poderá ironizar uma pergunta por parte de seus educandos. Por mais

---

<sup>1</sup> Segundo Jaspers: “A filosofia é como um despertar da vinculação às necessidades vitais. Costuma-se sentir esse despertar quando se contemplam as coisas celestes e terrestres sem qualquer fim utilitário a formulando estas perguntas: “*O que será e de onde provirá tudo isto?*”. Interrogações cujas respostas não têm qualquer utilidade, mas que conferem em si uma satisfação (...). Satisfeito o espanto e a admiração pelo conhecimento do ser, logo surge a dúvida. É certo que os conhecimentos se acumulam, mas nada é seguro se não comprovado criticamente. As percepções dos sentidos condicionados pelos nossos órgãos sensoriais são ilusórias ou, pelo menos, não concordantes com o que as coisas são em si, independentemente da nossa percepção” (JASPERS, 1980, p. 20).

que não seja uma pergunta bem formulada, a tarefa do professor será ajudar o aluno a reformular tal pergunta, pois o professor deve ter consciência que ao ensinar, ele também aprende.

De antemão, é necessário que o educador ensine a perguntar: saber perguntar é um pressuposto para posteriormente saber quais perguntas são estimulantes para nós e para a sociedade. Por isso, Freire insiste em que seja melhor investir em perguntas que partam da cotidianidade de nossa própria existência, dos simples gestos humanos.

Faundez afirma ainda que a origem do conhecimento está no ato da pergunta, pois disse que a primeira linguagem foi uma pergunta. Vale ressaltar que essa proposta de Freire e Faundez sobre a pergunta, não consiste em um ato da pergunta por pergunta; é necessário que o educador ao perguntar tenha uma resposta explicativa do fato e não apenas uma descrição, havendo sempre uma descoberta acerca da palavra e da ação, ou mesmo, como diz Freire, da *palavra-ação-reflexão*. A vida encontra-se entre essas perguntas e respostas, ou seja, tudo deve girar em torno do mundo da vida, o que faz lembrar Sócrates quando na sua Apologia diz:

talvez o maior bem do homem consista em passar os dias a conversar a respeito da virtude e de outros temas sobre os quais já me ouvistes discorrer, examinando outras pessoas e a mim mesmo, e que *a vida sem esse exame não vale a pena ser vivida* (PLATÃO, 1970, p. 90, 38a).

Freire exemplifica a importância da pergunta, mostrando a constituição de uma tese acadêmica, dizendo que é necessário que se faça perguntas, e ao decorrer das respostas de tais perguntas irão surgindo outras perguntas, que serão fundamentais para um trabalho coerente e lógico, pois é fundamental aprender a perguntar, tarefa essa que Faundez, atribui a filosofia, como já foi mencionado, e ao conhecimento em geral, o de perguntar e perguntar bem.

## PERGUNTA, DIÁLOGO, CONHECIMENTO E LIBERDADE

Segundo Freire, com a aplicação da proposta de uma educação da liberdade, pode-se ver um novo mapa educacional, pois sua pretensão é de um ensino, através do diálogo, uma conversação entre professor e aluno, havendo assim uma interação. O conhecimento é, assim, adquirido quando há um ensino dialógico, o aluno é participante ativo na construção desse conhecimento. O professor jamais será aquele que possui a

Revista Eros	Ano 1	n. 1	Outubro-Dezembro 2013	p. 74-85
--------------	-------	------	-----------------------	----------

verdade, mas aquele que busca a verdade juntamente com seus alunos, havendo discussões, para que juntos possam chegar ao conhecimento desejado. Nesse sentido, afirma Freire:

O educador já não é o que apenas educa, mas o que enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando, que, ao ser educado, também educa. Ambos assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os argumentos da autoridade já não valem [...]. Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo. Mediatizados pelos objetos cognoscíveis, que, na prática “bancária”, são possuídos pelo educador, que os descreve ou os deposita nos educandos passivos (FREIRE, 1975, p. 78).

Dessa maneira percebe-se que a educação deve ocorrer em conjunto, não apenas por um transmitir algo ao educando, como ocorre na educação bancária. Na pedagogia da pergunta, juntos, educador e educando se educam.

Na educação para a liberdade, que é uma educação em que o ser humano terá uma melhor formação, em que consiste numa forma de ensino em que o professor ao ensinar, também aprende. Portanto, jamais será o detentor do saber absoluto, ele estará em constante aprendizagem, e deverá sempre saber ser benevolente com as ideias por parte dos alunos, mesmo as mal formuladas, dando-lhes apoio para que possam refazê-las e aperfeiçoá-las.

Se as dúvidas dos alunos, suas curiosidades, inquietações, são limitadas, de certa forma o professor também será limitado, pois se suas certezas não forem questionadas, duvidadas, serão sempre as mesmas, sem haver uma nova busca de aprimoramentos, será limitado a não ter uma maior amplitude de pesquisas. A dúvida é uma via que possibilita a buscar mais e mais, é uma forma de provocar a capacidade do ser humano, e sendo provocado mais ele busca melhorias.

## CONCLUSÃO: EDUCAR ATRAVÉS DA PERGUNTA

Freire aponta que o ato da pergunta é um elemento de extrema importância para a educação, e que infelizmente está sendo esquecida pelos educadores, pois a pergunta é uma forma de chegarmos ao conhecimento, quanto mais perguntar, maior a chance de alcançar o conhecimento necessário.

Deparamos hoje com um modelo de educação onde as respostas já estão prontas, não deixando espaço para questionar-se, perguntar-se, ou seja, para que seja estimulada

Revista Eros	Ano 1	n. 1	Outubro-Dezembro 2013	p. 74-85
--------------	-------	------	-----------------------	----------

a capacidade dos alunos, pois todo esse sistema de respostas prontas, tira do aluno a oportunidade de busca do conhecimento, posto que é mais cômodo esse tipo de ensino, que retira do aluno a possibilidade de criar, de provocar a capacidade crítica, por não fomentar o diálogo.

Freire deposita toda a educação na esfera da liberdade, por isso crê que uma educação dialógica obterá um bom desempenho de professores e alunos, algo que formará um cidadão que tenha a liberdade de expressão, e não seja apenas marionete ou depósito.

A proposta freireana é de uma forma de educação, em que ele não admite que seja construída sem a participação do aluno. Sua ideia é de uma educação libertadora, havendo, portanto, um espaço de construção e não onde haja um modelo que deve ser seguido, pois na pedagogia da pergunta, o ângulo é outro, vem com uma pretensão educacional de que o ensino é feito em parceria entre professor e aluno, e não um sistema de respostas prontas e acabadas, dessa vez o aluno irá interagir diretamente, e não apenas aceitar o que venha ser exposto, o aluno terá autonomia para questionar, e o professor receber tais questionamentos e juntos refletir, enfim, juntos buscarão o conhecimento, já que na educação libertadora é permitido o ariscar-se, ousar-se ou mesmo equivocarse.

Uma vez equivocado, mais o ser humano pesquisa, busca novos meios que possam aprimorar-se.

[...] julgo importante essa pedagogia do risco que está ligada à pedagogia do erro. Se negamos a negação que é o erro, essa nova negação é que dará positividade ao erro; essa passagem do erro ao não-erro é o conhecimento. Jamais um novo erro será absolutamente um novo erro; será sempre um novo erro, cujos elementos relativos implicam um novo erro, e esta cadeia se estende ao infinito (FREIRE; FAUNDEZ, 1985, p. 27).

Freire menciona Hegel, que diz que a força do negativo é fundamental para o conhecimento, chamado de risco, curiosidade ou mesmo pergunta. O professor jamais será o único que detém o saber verdadeiro, pois a educação se dá através do diálogo, e o professor também é um eterno aprendiz, sendo que a cada vez que ele educa de maneira que os educando sejam livres para perguntar, duvidar, criticar, isso fará com que venha aprimorar cada vez mais, o ensino não pode ser aquele onde o professor diz, e a única verdade é a dele, mas o ensinar se dá de maneira livre, onde haja diálogo, discussões entre educador e educando, para que assim, juntos, busquem o conhecimento.

Enfim, a proposta freireana para uma pedagogia da pergunta, é voltada completamente para o diálogo como um instrumento possibilitador para que essa forma de educação possa acontecer, sendo o diálogo o elemento responsável pra tal forma libertadora da educação. Através desse instrumento pode-se sair de um ensino como a educação domesticada ou bancária, fomentando uma concepção educativa em que o diálogo, que o educador se educa ao educar, ou seja, a educação é uma construção constante que é feita por educadores e educando, em conjunto dialogicamente.

Se observarmos a realidade do ensino na atualidade, ainda nos deparamos com uma educação ou mesmo pedagogia da resposta, vindo tudo pronto, perguntas com respostas concretas, não deixando espaço para o questionar, o perguntar, que Freire chama de pedagogia da pergunta, uma forma libertadora de educar, que é uma maneira de ensino aberto a novos horizontes, por dar oportunidade para o educando intervir, dar sua contribuição para ensino, de forma dialógica entre professor e aluno.

Ao analisarmos a proposta freireana na atualidade, pode-se dizer que temos uma forma de ensino em que há todo um incentivo para que haja um diálogo nas salas de aula, mas devemos considerar as dificuldades que os educadores enfrentam, tendo conhecimento que uma educação dialógica é também uma forma de educar que muitas vezes os educando não colaboram, e por isso se torna uma tarefa árdua, porém é uma proposta de grande importância para o sistema educacional, pois nela podemos ter uma liberdade de expressão, e assim buscar melhorias para a educação com propósito de uma melhor formação cidadã.

## REFERÊNCIAS

FREIRE, P. FAUNDEZ, A. *Por uma pedagogia da pergunta*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

MARX, K. Teses sobre Feuerbach. In: \_\_\_\_\_; ENGELS, F. *Textos filosóficos*. 3ª Ed. Tradução de Carlos Grifo. São Paulo: Martins Fontes, 1974, p. 5-11.

JASPERS, K. *Iniciação Filosófica*. Lisboa: Guimarães Ed., 1980.

Revista Eros	Ano 1	n. 1	Outubro-Dezembro 2013	p. 74-85
--------------	-------	------	-----------------------	----------

KANT, I. Resposta a pergunta: “O que é esclarecimento?”. In: \_\_\_\_\_. *Textos seletos*. Tradução de Emanuel C. Leão. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 100-117.

PLATÃO. Apologia de Sócrates. In: \_\_\_\_\_. *Diálogos*. Tradução de José Cavalcante de Sousa. São Paulo: Melhoramentos, 1970.

Revista Eros	Ano 1	n. 1	Outubro-Dezembro 2013	p. 74-85
--------------	-------	------	-----------------------	----------